

**UM CONTRA ARGUMENTO
DELOCUTIVO: “FALA SÉRIO!”**

GUIMARÃES, Eduardo¹

1 Doutor em Lingüística. Professor titular do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar o funcionamento semântico de enunciações da expressão "Fala sério!". Mais especificamente, o objetivo é analisar o funcionamento argumentativo desta expressão. A análise, considerando que a enunciação é um agenciamento político, estudará, levando em conta os diversos aspectos da expressão, como se dá seu funcionamento no espaço de enunciação brasileiro, o que leva à análise da cena enunciativa por ele significada. Analisa-se, assim, como se constitui a divisão do falante, no sentido que a semântica do acontecimento dá a este termo, na enunciação. Um aspecto fundamental da análise é a consideração do aspecto delocutivo do funcionamento desta expressão, no sentido que Benveniste deu a esta noção, o que significa dizer que seu sentido não é formado composicionalmente, mas enunciativamente. Pela análise, pode-se observar como a não-coincidência entre a orientação argumentativa, que constrói uma unidade para o texto, e a argumentação geral do texto, mostra o caráter político do funcionamento da argumentação.

PALAVRAS-CHAVE: argumentação; agenciamento enunciativo; acontecimento.

ABSTRACT: The objective of this work is to analyze the semantic functioning of the enunciations of the expression "Fala sério!" [I am talking seriously!]. More specifically, the objective is to analyze the argumentative functioning of this expression. Considering that the enunciation is a political agency and taking into account the various aspects of the expression, the analysis will study how its functioning occurs in the Brazilian space of enunciation, leading to the analysis of the enunciative scene that it signifies. Therefore, we analyze in what way the division of the speaker is constituted, in the sense that the semantics of the event gives to this term in the enunciation. A fundamental aspect of the analysis is the consideration of the delocutive aspect of this expression's functioning, in the sense that Benveniste gave to this notion, which means that its sense is not formed compositionally, but enunciatively. From the analysis, it can be observed how the non-coincidence between the argumentative orientation, which constructs a unit for the text, and the text's general argumentation, shows the political character of the argumentation's functioning.

KEY-WORDS: argumentation; agency of enunciation; event.

I INTRODUÇÃO

Nosso objetivo, neste trabalho, é analisar o funcionamento de uma expressão que se formou, há não muito tempo, e que, mesmo como um modismo próprio do modo cotidiano de falar, permanece funcionando com esse novo sentido. Trata-se da expressão "Fala sério!".

Nossa análise considerará como se dá o funcionamento desta expressão no espaço de enunciação brasileiro, o que nos leva à análise da cena enunciativa significada por este funcionamento. Esta análise é, assim, a análise do que considero o agenciamento da enunciação. Desde modo, vou começar apresentando o que entendo por agenciamento da enunciação, para, em seguida, deter-me na descrição do funcionamento de “Fala sério!”, que vou considerar com uma forma de argumentar.

Do ponto de vista que tenho tratado a argumentação, considera-se que o funcionamento da língua argumenta. Esta posição está diretamente relacionada com a da teoria da argumentação na língua (tal como formulada por Ducrot (1973)) e que está em trabalhos do que chamamos hoje “semântica argumentativa” (DUCROT, 1973; 1988; ANSCOMBRE; DUCROT, 1983; VOGT, 1977; e GUIMARÃES, 1987; por exemplo).

Deste modo, nossa posição se contrapõe à consideração da argumentação como (a) um modo lógico de apresentar provas (evidência dos fatos); (b) uma manipulação do locutor sobre os destinatários (onipotência do sujeito); e (c) uma negociação construída abertamente por interlocutores (acordo entre locutores). A argumentação se dá pelo funcionamento da língua no acontecimento da enunciação.

2 O AGENCIAMENTO DA ENUNCIÇÃO

Um aspecto fundamental para caracterizar o acontecimento da enunciação é considerar o que chamo de *espaço de enunciação* (GUIMARÃES, 1997; 2000; 2002). Este espaço é aquele que distribui e atribui politicamente as línguas para seus falantes.

Desse modo, o acontecimento de enunciação (o funcionamento da língua) se dá sempre num espaço de atribuição de línguas para seus falantes. E aqui é preciso observar que, mesmo que se esteja numa mesma língua (a língua portuguesa do Brasil), o espaço de enunciação distribui “línguas” diferentes para seus falantes. Isto porque uma língua se divide

e suas divisões são atribuídas diferentemente, politicamente, constituindo, assim, falantes distintos².

Para tornar mais claro o que acabo de dizer, é preciso definir o que seja falante. Como dissemos (GUIMARÃES, 2002, p. 18), "os falantes não são os indivíduos, as pessoas que falam esta ou aquela língua. Os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam. Neste sentido, falantes não são as pessoas na atividade físico-fisiológica, ou psíquica, de falar. São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes", o espaço de enunciação. Ao considerar o falante como uma categoria lingüística e enunciativa, diferencio-me da posição de Ducrot (1984), para quem o falante (enquanto figura físico-fisiológica e psíquica) não é um personagem da enunciação. Para mim, o falante não é esta figura empírica; é uma figura política constituída pelos espaços de enunciação, sendo, assim, uma figura da enunciação. E estar identificado pela divisão da língua é estar destinado, por uma deontologia global da língua, a poder dizer certas coisas e não outras, a poder falar de certos lugares de locutor e não de outros, a ter certos interlocutores e não outros.

No acontecimento da enunciação, quem assume a palavra é o falante, constituído pelo espaço de enunciação. Quem assume a palavra não é uma pessoa, é já a pessoa determinada pelas línguas que a constituem enquanto ser simbólico.

A consideração do funcionamento da língua no espaço de enunciação caracteriza a enunciação como uma prática política e não individual ou subjetiva, nem como uma distribuição estratificada de características. Falar é assumir a palavra nesse espaço dividido (político) de línguas e falantes. Desta perspectiva, a língua funciona no acontecimento, pelo acontecimento, e não pela assunção que dela faz uma pessoa. Neste sentido, diríamos, a enunciação se dá por agenciamentos específicos pelo funcionamento da língua. Neste embate entre línguas e falantes, próprio dos espaços de enunciação, os

2 Sobre isso, ver Guimarães (2006a).

falantes são tomados por agenciamentos enunciativos. O que se tem não é um ato individual de enunciação, mas um agenciamento político da enunciação³.

O agenciamento político da enunciação no espaço de enunciação configura o que chamo de cena enunciativa. Cada cena tem seu Locutor (L), que se divide de um lado como um lugar social do dizer (o que chamo l-x) e um lugar de dizer, uma perspectiva, um enunciador (E)⁴.

Deste ponto de vista, podemos considerar dois aspectos do funcionamento argumentativo. De um lado, temos as formas lingüísticas que argumentam ao funcionarem; neste sentido, mesmo que operando diferentemente com este aspecto, adoto a concepção ducrotiana de que o funcionamento das formas lingüísticas é argumentativo e não referencial. Por outro lado, consideramos que o agenciamento enunciativo é, ou pode ser, também argumentativo. Deste modo, consideramos que temos, de um lado, o que chamamos *orientação argumentativa*, e de outro, a *argumentação*, que necessariamente inclui a orientação argumentativa, mas não se reduz a ela. Esta posição está diretamente ligada à minha concepção (GUIMARÃES, 2002, 2006b) de que um semanticista tem como unidade de análise os enunciados enquanto integram o texto. A análise das articulações dos enunciados e nos enunciados é o estudo da orientação argumentativa produzida pelos enunciados; a análise do modo como os enunciados se integram nos textos nos leva ao processo de argumentação de um texto (seja o texto de um só falante ou de mais de um, em uma conversa, discussão, etc.).

3 A noção de agenciamento da enunciação está aqui a partir do que Deleuze e Guattari (1980) colocam, em *Mille Plateaux*, ao caracterizarem a enunciação a partir da conceituação que Ducrot (1972) faz dos atos ilocucionais. A diferença é que considero que este agenciamento é político. Ou seja, não é que ele seja coletivo, como um “acordo” de um grupo. Ele é, para mim, afetado politicamente por se dar segundo os espaços de enunciação.

4 Sobre a caracterização deste processo, ver Guimarães (2002, p. 18 e ss).

3 UM CONTRA-ARGUMENTO

A expressão cujo funcionamento vamos analisar do ponto de vista semântico é, como dissemos, “Fala Sério!”. Mais do que propriamente a descrição cabal desta expressão, interesse-me por alguns aspectos de seu funcionamento ligados ao modo como ela funciona argumentativamente. Para melhor caracterizar este funcionamento, vamos tomá-la em algumas seqüências em que pode aparecer:

- (1) (a) – Roberto nasceu no último ano da segunda guerra.
(b) – Fala sério!
- (2) (a) – Eu espero que você não faça a reclamação.
(b) – Fala sério!
- (3) (a) Ele me pede para desistir do prêmio.
(b) – Fala sério!

Um primeiro aspecto a considerar é que dizer “Fala sério!” é ser tomado no espaço de enunciação enquanto um falante distinto daquele que dissesse, em condições semelhantes, algo como “isto não é verdade”, por exemplo, em contraposição a (1a). Isto está ligado a este aspecto de ser um modismo da linguagem cotidiana. E esta diferença pode ser considerada do ponto de vista semântico.

Para esta análise, tomemos como procedimento heurístico as aproximações e diferenças que podemos fazer a partir de paráfrases (enquanto procedimento do analista) da expressão em estudo, assim como possíveis continuidades que um enunciado pode ter.

Tomemos os três acontecimentos acima simulados. O “Fala sério!” de (1b) poderia ser considerado, por exemplo, paráfrase de

(1c) – Não é verdade.

Já não se dá o mesmo com (2b), que poderia, eventualmente, ser paráfrase de

(2c) – Não acredito!

Assim como para (3b), a paráfrase de “Fala sério!” não seria (1c), nem (2c), mas algo como

(3c) – Vê se pode!

Assim, “Fala sério!”, significa algo que pode ser parafraseado de modos significativamente distintos. O que isto nos mostra de seu sentido? O que podemos notar nos três casos é que (b) “Fala Sério!” constitui uma cena enunciativa em que se estabelece uma relação entre um Locutor e um destinatário e que é capaz de significar tanto (1c), (2c) e (3c). Vou fazer a hipótese de que (b) “Fala sério!” traz, nos três acontecimentos acima sugeridos, como elemento do seu sentido:

(4) L – Fala sério —) não aceito a enunciação que você fez⁵.

Estou considerando, então, que a enunciação de “Fala sério!” não é uma asserção positiva, como poderia fazer supor sua forma sintática, nem é uma asserção negativa, como poderia fazer supor suas paráfrases (1c) e (2c). A enunciação “Fala sério!” é uma argumentação em que a expressão em análise é o argumento que aponta para a inaceitabilidade do dizer de outro. “Fala sério!” é, então, um contra-argumento. Ou seja, esta enunciação refuta uma enunciação anterior, expressa, suposta ou representada. O que pode ser inicialmente sustentado pela possibilidade de se dizer

(3') (a) Ele me pede para desistir do prêmio. (b) Fala sério! (c) Ele vai ficar esperando.

Vê-se, por esta continuidade dada a (3), que (3'c) articula-se com *Fala sério*, combinando-se com o sentido de oposição de (3'b) relativamente a (3'a)

E esta contra-argumentação à outra enunciação, quanto ao engajamento enunciativo específico realizado pelo outro Locutor, constitui-se como negação de uma afirmação em (1), como não crença em (2) e como espanto, inconformidade, em (3).

Deste modo, considero que a orientação argumentativa apresentada em (4) é capaz de explicar as interpretações para as três enunciações “Fala sério!” (de (1) a (3)). Para avançar,

5 O sinal —) se lê “é argumento para”. Assim, A —) C se lê “A é argumento para C”.

vamos nos deter de modo mais específico na descrição do funcionamento semântico desta expressão.

4 DELOCUTIVIDADE

Se me detenho na expressão “Fala sério!”, posso descrevê-la morfossintaticamente de uma maneira muito particular: ela traz uma forma diretiva (imperativa), mais um predicado. Dizer isto sobre a forma desta expressão é reconhecer nesta enunciação a presença de elementos regulares e que apresentam uma certa sistematicidade de forma – chamamos este sistema de regularidades de *língua* (GUIMARÃES, 1987; 1989). É, também, considerar que, em princípio, estes elementos devem ter algo a ver com o sentido do acontecimento. De um certo modo, estamos dizendo que a língua em que este enunciado é dito tem uma forma a que chamamos imperativo e palavras, ou expressões, que funcionam predicativamente. Que lugar estes elementos da língua têm na argumentação, já que descrevemos o aspecto que consideramos fundamental na expressão pela orientação argumentativa apresentada em (4)?

Para responder a esta pergunta do ponto de vista da análise semântica que fazemos, vou procurar analisar os aspectos acima pela constituição da cena enunciativa representada no acontecimento. Podemos apresentar a cena enunciativa de “Fala sério!”, embora sem todos os detalhes, observando somente o seu imperativo e o predicado que traz. Por ora, vamos considerar que esta cena inclui L, o locutor que se apresenta como responsável pela performatividade do enunciado, e um I-x, que vou considerar, para o caso dos acontecimentos sugeridos no início, como pessoal (vou representá-lo pela letra p). Ou seja, estou considerando que o falante enuncia de um lugar pessoal. Com isso, estamos interpretando a relação entre o lugar social do dizer em (a), em (1), (2) e (3), com o lugar social do dizer em (b). O que estamos considerando aí é um litígio circunscrito ao nível das relações pessoais imediatas do cotidiano. Resta-nos, agora, considerar o lugar a partir do qual o dizer é dito, a perspectiva

do dizer, em outras palavras, o enunciador da cena enunciativa. Um aspecto fundamental aqui é que “Fala sério!” pode, quanto ao que estamos isolando para análise agora, ser parafraseado, por exemplo, por

(5) – Eu peço a você que você fale com seriedade.

Isto nos sugere que consideremos o enunciador como individual. Assim, chegamos a

(6) L – lp – Eind – Eu peço a você que você fale com seriedade.

Como o sentido (6) significa em contraposição, enquanto contra-argumento, a uma outra enunciação, consideramos que “Fala sério!” subentende (no sentido da significação atestada de Ducrot (1972)):

(6a) L – lp – Eind – Você não está falando com seriedade.

Que, por sua vez, subentende

(6b) L – lp – Egco – É preciso falar com seriedade.

Um aspecto interessante a considerar aqui é a diferença entre o que se subentende em (6a) e (6b). Em (6a), temos uma afirmação específica subentendida. Em (6b), diferentemente, temos uma asserção de caráter geral, que funciona como um princípio. Ou seja, é algo que é apresentado como de todos aceito e que regula o dizer. Por isso, consideramos aqui o enunciador genérico para (6b). Talvez se pudesse pensar em um enunciador universal. Não considero que este seja o caso, em virtude de levar em conta as condições de funcionamento da expressão como um modismo do cotidiano. Um outro aspecto a considerar é que esta afirmação de caráter geral é formulada com a modalização da necessidade. E este princípio, nesta medida, tal como procurei demonstrar (GUIMARÃES, 1979), é um argumento para a seriedade. Ou seja, dizer “é preciso falar com seriedade” significa “é preciso falar com seriedade —) fale com seriedade”. Em outras palavras, aqui se subentende uma orientação argumentativa que se representa como um princípio regulador para o dizer. Vamos como o modalizador se representa como suficiente para

a sustentação da orientação argumentativa “é preciso p → p”. E é nesta medida que (6b) funciona como princípio que sustenta a argumentação de “Fala sério!”. E, deste modo, podemos ver como se diz mais do que o que ali está. Podemos dizer que “Fala sério!”, considerando sua paráfrase (5), diz mais do que o que é representado em (6). O que temos é

lp – Eind – Você não está falando com seriedade (a)

(6') L –lp – Egco – É preciso falar com seriedade (b)⁶

lp – Eind – Eu peço a você que você fale com seriedade (c).

Mas há no funcionamento de “Fala sério!” um outro aspecto de importância capital e que está diretamente ligado com o que acabamos de dizer. Pode-se ver, aqui, o que Benveniste (1966), tratando das palavras, considerou uma formação delocutiva. O sentido de “Fala sério!” não é formado composicionalmente de “fala” e de “sério”. O sentido de “Fala sério!” se produz a partir de “dizer: fala sério”. Lembremos que Benveniste, ao estabelecer o conceito de delocutivo, o faz para caracterizar verbos formados por um processo diverso do da formação de palavra a partir de um processo morfológico conhecido. Por exemplo: de *final* faz-se, por derivação, *finalizar*. O sentido de *finalizar* se constitui pelo acréscimo do sufixo *-izar* à palavra *final*. Diferentemente disso, o sentido de *parabenizar*, por exemplo, não se faz por uma derivação semelhante. Neste último caso, o sentido de *parabenizar* não se forma pela adição do sufixo *-izar* ao nome *parabéns*. O sentido de *parabenizar* vem de “dizer: parabéns!”. Assim, no que estudamos, não se trata de uma formação sintática cujo sentido se dá pela relação de *falar + sério*. Não se tem aqui uma seqüência formada dos elementos de nível inferior *falar* e *sério*. O sentido da seqüência se forma a partir de “enunciar *fala sério*”. É como se tivéssemos

(7) L – X, Fala sério (onde X é um nome próprio de pessoa),

6 Desconsidero, nesta representação, a argumentatividade do modalizador.

que leva à formação “Fala sério!” como uma expressão que significa algo que se deriva de enunciações como (7). É isto que a caracteriza como uma formação delocutiva. E este modo de significar se liga diretamente ao funcionamento argumentativo de contra-argumento da expressão. Ou seja, em (6’) acima, podemos considerar que (a) e (b) se dão como sentido nestas expressões por seu caráter delocutivo. E isto coloca à mostra um aspecto muito importante do funcionamento da argumentatividade na enunciação. Este aspecto sustenta uma posição que vimos defendendo, de que, no acontecimento de enunciação, o passado recortado pela temporalidade própria do acontecimento é elemento decisivo na sustentação da orientação argumentativa. Pelo funcionamento delocutivo acima analisado, podemos ver que o acontecimento recorta um passado, um sentido que se representa como razão para o dizer. Dizer “Fala sério!” produz um tipo de subentendido como (a) e (b) de (6’). O Locutor atesta, deste de modo, que (a) e (b) fazem parte do sentido (6’) o que sustenta que de “Fala sério!” se conclua *não fale como você está falando, fale seriamente*. E um aspecto importante a se considerar aqui é que não se trata de dizer que alguém não está falando seriamente, realmente, de fato. Trata-se, do ponto de vista aqui adotado, de que o falante de “Fala sério!” significa sua contraposição argumentativa pelo simples fato de dizer “Fala sério!”, no modo como acima sugerimos. Assim, dentro da perspectiva da semântica argumentativa, consideramos que argumentar não é buscar nos fatos razões que sustentem certas conclusões, mas produzir significações que funcionem argumentativamente, que construam argumentos e conclusões (orientações argumentativas) pelo próprio modo de a língua funcionar.

5 INTERPRETANDO AS DESCRIÇÕES

A discussão dos resultados obtidos pela análise que acabamos de fazer nos permite, retornando à teoria de que partimos, algumas considerações. Uma destas é a consideração do lugar da língua no funcionamento enunciativo e na produção de sentido.

Na análise do acontecimento, consideramos a materialidade lingüística aí presente e chegamos, através da enunciação, a uma sistematicidade lingüística que nele funciona. Assim, não se trata de pressupor uma língua abstrata, mas de considerar uma materialidade lingüística⁷ sistemática que se deve encontrar pela análise do acontecimento e que é capaz de sustentar a interpretação do sentido do acontecimento. É funcionando nesse tipo de consideração que a cena enunciativa constitui as relações de sentido que acabam por configurar regularidades sistemáticas (a língua). Neste sentido, essas sistematicidades (a língua) são históricas; não são possibilidades, são contingências.

A *língua* é constituída pelos acontecimentos e, assim, está definitivamente exposta a eles, mas ao mesmo tempo se apresenta, enquanto simbólico, como num presente constante⁸, no qual ela se mostra sempre a mesma, mesmo que se modifique todo o tempo, porque funciona no acontecimento. Poderia dizer que seu regime de temporalidade é o que Deleuze, baseado nos estóicos, chamou *chronos*.

A cena enunciativa representada por (6') não é a que está diretamente significando nos enunciados de (1) a (3). Ela representa um aspecto da sistematicidade da língua. A expressão "Fala sério!" dos enunciados de (1) a (3) significa algo que resulta enunciativamente de (6), (6a) e (6b). Por outro lado, (6a) e (6b) estão aí como uma memória da enunciação que constituiu o sentido de (b) que funciona em (1), (2) e (3). Por outro lado, os acontecimentos em questão trazem, todos, pelo funcionamento de (6), um passado que está representado na própria temporalidade destes três acontecimentos, mesmo que a questão da seriedade não esteja sendo dita diretamente – ou, talvez, por isso mesmo. É este memorável, este passado de sentido recortado pelo aconteci-

7 Embora transpondo para outro domínio de trabalho, estou me valendo aqui do que Orlandi (2000) chama 'forma material'.

8 Podemos lembrar, aqui, o tratamento do tempo que faz Deleuze (1969).

mento que sustenta a orientação argumentativa de “Fala sério!” nos três casos.

Neste sentido, mantenho minha posição de não recorrer à noção de *topos* tal como formulado por Ducrot e Anscombe (1983, por exemplo), assim como de não esvaziar a descrição lingüística da exterioridade que nela funciona, tal como na teoria dos blocos semânticos formulada por Carel e Ducrot (2002a; 2002b).

Este conjunto de relações pode ser representado como
(a') Eind – você não está falando sério.

(8) L – (a'') Egco – é preciso falar com seriedade —
) fale com seriedade.

(a''') Eind. – fala sério —) não aceito a enunciação que você fez.

Aqui o L, ao evocar o Egco de (a''), faz a necessidade de falar com seriedade funcionar como sustentação do que se argumenta em (a''').

Assim, temos, para os três casos analisados – (1), (2) e (3) –, algo que é o presente da formulação, o sentido do contra-argumento, o passado de constituição deste sentido (que significa ser necessário seriedade ao falar), e um futuro de sentido que corresponde a deixar como exigência que o destinatário faça uma outra enunciação, reparadora, que ela se dê ou não.

Tudo isto significa que aquilo mesmo que faz algo ser da língua, pode ser tratado como vindo da enunciação. A própria forma da língua contém um acontecimento, uma cena que a produziu enquanto construção enunciativa, no caso da nossa análise, delocutiva. O estabilizado da língua é construção enunciativa, histórica.

Pela análise que acabamos de apresentar, foi possível “flagrar” o próprio processo que recorta um passado de sentido, ele traz um recorte do senso comum, que acaba por constituir o sentido na língua. Neste caso, o memorável se torna a forma (se estabiliza) e, assim, vai recortar outros passados, e a expressão vai significar outras coisas em outros acontecimentos.

Esta enunciação (“Fala sério!”) se produz como um modo de contraditar. É neste sentido que consideramos que a orientação argumentativa se dá no acontecimento, mas opera enquanto funcionamento da língua, que não é aqui um sistema abstrato, mas um sistema de regularidades historicamente constituídas pelo funcionamento enunciativo.

6 AGENCIAMENTO POLÍTICO DA ARGUMENTAÇÃO

A análise feita nos levou a aspectos interessantes de como funciona, no processo argumentativo, a língua, e como o acontecimento sustenta a orientação argumentativa (a relação de argumento a conclusão) pelo próprio passado que recorta. Voltando a alguns elementos de análise, vou me deter agora sobre o caráter político da argumentação.

Consideremos o diálogo

(9) (a) – O diretor quer que eu viaje (p), mas eu não vou viajar (q).

(b) – Fala sério!

Podemos ver como a enunciação “Fala sério!” pode tanto contra-argumentar a (p) quanto a (q). Esta ambigüidade argumentativa de nossa expressão parece lhe ser específica, mas a possibilidade de um segundo Locutor contraditar tanto a enunciação de (p), quanto a de (q), não. É o que se pode ver em

(10) (a) – O diretor quer que eu viaje (p), mas eu não vou viajar (q).

(b) – Por que não?

Ou

(c) – O que ele quer de você?

Pode-se observar que, em (10), (b) pergunta sobre (q) e (c) pergunta sobre (p).

De qualquer modo, isto mostra que a argumentação de um outro Locutor não segue a orientação argumentativa de um primeiro Locutor. Ou seja, mudar de Locutor quebra o jogo da continuidade que se dá como própria do engajamento específico do Locutor do texto. Por outro lado, quando tomamos a seqüência com um só locutor, podemos ver:

(II) (a) O diretor quer que eu viaje (p), mas eu não vou viajar (q). (b) Fala sério!

Neste caso, "Fala sério!" combina-se com *mas q* ("fala sério" contradita o enunciado (a) cujo lugar social de locutor e enunciador podem não coincidir com os do enunciado (b)).

Por outro lado, temos:

(I2) (a) O diretor quer que eu viaje (p), mas não me dá nenhum auxílio (q). (b) Fala sério!

Neste caso, "Fala sério!" contradita *mas q*, ou a articulação *p mas q*.

Vemos que há, em todos os casos, uma orientação argumentativa, mas a argumentação não se reduz a isso. A argumentação geral do texto (diálogo ou não) se faz como um processo que envolve a diretividade da orientação argumentativa, mas se abre para outros movimentos. Um lugar de Locutor não define para sempre a argumentação do texto, ele produz a diretividade argumentativa. É isto que estamos considerando como o caráter político próprio da argumentação. A argumentação se desenvolve como um litígio entre a deontologia da orientação argumentativa, que busca uma unidade, e a divisão própria das cenas enunciativas, que abre para a diferença das conclusões apresentadas e dos argumentos que as sustentam⁹.

7 CONCLUSÃO

A análise da expressão "Fala sério!" permitiu, como vimos, observar o funcionamento da argumentatividade que faz parte da sistematicidade da língua e que significa no acontecimento pelo modo como se constitui a temporalidade deste acontecimento. O que, ao sustentar posições já anteriormente formuladas, possibilitou falar de maneira específica sobre o caráter histórico do funcionamento das sistematicidades lingüísticas (a língua). Isto foi, de modo particular, possibilita-

9 Desenvolvi este aspecto a partir de outros funcionamentos, no posfácio que acrescentei à 4ª edição de *Texto e argumentação* (GUIMARÃES, 2007).

do pelo caráter delocutivo da formação deste contra-argumento. Ao mesmo tempo, em virtude da observação deste caráter delocutivo, pudemos, mais uma vez, e a propósito de outros aspectos do funcionamento semântico, observar o caráter não-composicional desses funcionamentos.

Pudemos, também, observar como a argumentação pode ser considerada não como uma estrutura lógica ou uma manifestação individual, mas como uma relação enunciativa, que sustenta a relação do argumento à conclusão na temporalidade específica do acontecimento em que se dá.

Por outro lado, a não-coincidência entre a orientação argumentativa, que constrói uma unidade para o texto, e a argumentação geral do texto mostra o caráter político do funcionamento da argumentação.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.

BENVENISTE, E. (1966). *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

CAREL, M.; DUCROT, O. O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, 8. Campinas: Pontes, 2002a.

_____; _____. As propriedades lingüísticas do paradoxo: paradoxo e negação. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, 8. Campinas: Pontes, 2002b.

DELEUZE, G. (1969). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____; GUATTARI, F. (1980). *Mil platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DUCROT, O. (1972). *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. (1973). As escalas argumentativas. In: _____. *Provar e dizer*. São Paulo: Global, 1981.

_____. (1984). *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1988.

_____. *Polifonia y argumentacion*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

GUIMARÃES, E. *Modalidade e argumentação lingüística*. 1979. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

_____. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. Enunciação e história. In: _____ (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Política de línguas na América Latina. *Relatos*, Campinas, n. 7, p. 5-11, 1997.

_____. O político e os espaços de enunciação. In: ENCONTRO NACIONAL LINGUAGEM, HISTÓRIA, CULTURA, I., 2000, Cáceres. *Conferência...*, 2000.

_____. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. Espaço de enunciação e política de línguas no Brasil. In: OLIVEIRA, S. E. de; SANTOS, J. F. dos. *Mosaicos de linguagens*. Campinas: Pontes; Guarapuava: CELLIP, 2006a.

_____. Semântica e Pragmática. In: _____; ZOPPI-FONTANA, M. *A palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2006b.

_____. Acontecimento e argumentação. In: _____. *Texto e argumentação*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

VOGT, C. *O intervalo semântico*. São Paulo: Ática, 1977.